

RAY BRADBURY

«Um dos maiores escritores da literatura norte-americana.
Um grande contador de histórias, um criador de mitos.»

THE WASHINGTON POST

A MORTE É UM ACTO SOLITÁRIO



cavalo de ferro

*Com amizade,
a Don Congdon, que fez com que isto acontecesse.
E à memória de Raymond Chandler, Dashiell Hammett, James M. Cain
e Ross Macdonald.
E aos meus amigos e professores Leigh Brackett e Edmond Hamilton,
dos quais sinto muito a falta.*

Nos velhos tempos, Venice, Califórnia, tinha muito que se pudesse recomendar àqueles que gostavam de se sentir tristes. O nevoeiro cobria-a quase todas as noites e, ao longo da costa, ouvia-se o queixume da maquinaria de extracção de petróleo e o bater da água escura nos canais, bem como o assobiar da areia embatendo nas janelas das casas, quando o vento se erguia e cantava por entre os becos desabrigados e ao longo dos passeios desertos.

Esses eram os tempos em que o pontão de Venice estava a cair, morrendo no mar, e aí poder-se-iam encontrar os ossos de um enorme dinossauro, a montanha-russa, cobertos na mudança das marés.

Nas profundezas de um canal fundo encontrar-se-iam antigos vagões do circo, que para aí tinham sido arrastados e atirados, e nas jaulas, à meia-noite, e se se olhasse com atenção, existia vida — peixes e caranguejos movendo-se com a maré; e era como se todos os circos do Tempo tivessem, de algum modo, sido amaldiçoados e aí enferrujassem.

E havia uma ruidosa avalanche de carros eléctricos, grandes e vermelhos, que se apressavam na direcção do mar de meia em meia hora, e à meia-noite contornavam a rotunda, e os fios altos lançavam chispas e faíscas, e afastavam-se de novo com um gemido, o qual soava como os mortos quando se viram no seu sono, como se os carros e os homens solitários que os conduziam, oscilando, soubessem que no ano que se seguiria teriam desaparecido, os carris seriam cobertos por cimento e alcatrão, e a elevada teia de arames seria recolhida, enrolada e transportada para outro lugar.

E foi nesses tempos, num desses anos solitários, quando os nevoeiros nunca terminavam e os ventos nunca paravam de se lamentar, que, ao circular no carro eléctrico, antigo e vermelho, no grande trovão ribombante, me encontrei uma noite com o emissário da Morte e não o soube.

Era uma noite chuvosa e eu lia, sentado na parte de trás da velha caruagem gemebunda e atoadora, que fazia o seu percurso de uma estação vazia, apenas coberta por *confetti*, para a seguinte. Só eu e o grande e

dorido veículo de madeira e à frente o condutor manejando os seus comandos de latão, travando brandamente e soltando um vapor infernal, quando necessário.

E o homem ao fundo do corredor, o qual aparecera ali sem eu me aperceber.

Por fim, reparei nele, pois manteve-se durante um longo período de tempo em pé por detrás de mim, balançando, balançando, como que indeciso, pois havia quarenta bancos vazios e, àquela hora da noite, era difícil decidir-se entre tantos. Mas, por fim, ouvi-o sentar-se e soube que ele ali estava porque lhe sentia o cheiro, como o das enxurradas quando atravessam os campos. E, sobrepondo-se ao cheiro da sua roupa, havia o odor de demasiada bebida ingerida num período demasiado curto de tempo.

Não me virei para trás para olhar para ele. Aprendi há muito que olhar apenas serve de encorajamento.

Fechei os olhos e mantive a cabeça firmemente virada para outro lado. Mas isso não resultou.

– Oh – gemeu o homem.

Conseguia senti-lo a inclinar-se para a frente no seu assento. Senti o seu bafo quente no meu pescoço. Segurei com força os meus joelhos e afundei-me no banco.

– Oh – gemeu, ainda mais alto. Parecia uma pessoa a cair de um precipício, pedindo para ser salva, ou alguém a nadar ao longe na tempestade, querendo ser visto.

– Ah!

A chuva começava agora a cair com mais intensidade, enquanto o carro eléctrico, grande e vermelho, baloiçava através de uma extensão de ervas nocturnas e a chuva açoitava as vidraças, desfocando a paisagem dos campos ensopados. Navegámos através de Culver City sem vermos o estúdio de cinema e continuámos, o grande carro agitando-se, o chão lamuriando-se sob os nossos pés, os assentos vazios rangendo, o assobio do eléctrico gritando.

E uma explosão de ar pestilento surgiu por detrás de mim, quando o homem invisível exclamou:

– Morte!

O assobio do eléctrico cortou-lhe a voz e, assim, ele teve de recomeçar.

– Morte...

Outro assobio.

– A morte – disse a voz por detrás de mim – é um acto solitário.

Pensei que ele fosse chorar. Olhei em frente, para a chuva intermitente que se apressava na nossa direcção. O eléctrico abrandou. O homem ergueu-se numa fúria repentina, como se me fosse bater se eu não o ouvisse e, por fim, me virasse. Ele queria ser visto. Ele desejava afogar-me na sua necessidade. Senti as suas mãos estenderem-se, como punhos ou como garras, para me empurrar ou para me bater, não o poderei dizer com exactidão. Agarrei o assento à minha frente. A sua voz explodiu.

– Oh, a morte!

O eléctrico travou, parando.

Vá, pensei, acaba lá com isso!

– É um acto solitário! – terminou ele, num murmúrio temível, e afastou-se. Ouvi a porta traseira a abrir-se. Então, por fim, virei-me.

O eléctrico estava vazio. O homem partira, levando consigo o seu funeral. Ouvi o cascalho a restolhar no carreiro, no exterior do eléctrico.

O homem invisível encontrava-se algures lá fora, murmurando para si mesmo, enquanto as portas se fechavam. Ainda o conseguia ouvir através da janela. Algo sobre a sepultura. Algo sobre a sepultura. Algo sobre os solitários.

O eléctrico arrancou aos sacões e, rugindo, atravessou a erva alta e a tempestade.

Levantei a janela, debruçando-me para fora e olhando para trás, para a escuridão molhada.

Se ali atrás existia uma cidade e pessoas, ou um homem e a sua terrível tristeza, eu não conseguia ver, nem conseguia ouvir.

O eléctrico encaminhava-se para o oceano.

Eu tinha um terrível pressentimento de que este iria mergulhar nele.

Baixei a janela com força e sentei-me, tremendo.

Levei o resto da viagem a dizer para mim mesmo «Só tens vinte e sete anos. Não bebas.» Mas...

Mas acabei por tomar uma bebida.

Aqui, nesta longínqua e perdida extremidade do continente, onde terminara o percurso das caravanas de carroças e, por consequência,

das pessoas, encontrei um *saloon* ainda aberto, vazio, exceptuando o empregado de balcão, que olhava apaixonadamente para Hopalong Cassidy num programa televisivo nocturno.

– Uma vodca dupla, por favor.

Fiquei espantado com a minha voz. Porque bebia eu? Para ganhar coragem para telefonar à minha namorada, Peg, que se encontrava a três mil quilómetros de distância, na Cidade do México? Para lhe dizer que estava bem? Mas nada me acontecera, pois não?

Nada, além de uma viagem de eléctrico e da chuva fria e de uma terrível voz atrás de mim, exalando vapores de medo. Mas eu receava regressar à cama do meu apartamento, a qual estava tão vazia como uma geleira abandonada pelos *Okies*¹ a caminho do oeste.

A única coisa ainda mais vazia era a conta bancária de Grande Romancista Americano que eu tinha no antigo edifício do banco, semelhante a um templo romano, que se encontrava situado junto ao mar, prestes a ser levado pela maré da próxima recessão. Os empregados aguardavam todas as manhãs em barcos a remos, enquanto o gerente se afogava no bar mais próximo. Eu raramente os via. Vendendo apenas um conto ocasionalmente para uma revista policial, eu não tinha dinheiro para depositar. Assim...

Bebi a minha vodca. Estremeci.

– Céus – disse o empregado de balcão –, parece que você nunca bebeu uma bebida alcoólica!

– E nunca bebi.

– Está com um ar péssimo.

– *Sinto-me* pessimamente. Já alguma vez pensou que algo horrível vai acontecer, mas não sabe o que é?

– A isso chama-se calafrios.

Engoli mais vodca e senti arrepios.

– Não, não. Algo *realmente* terrível, que está prestes a abater-se sobre si, é o que quero dizer.

O empregado olhou por cima do meu ombro como se visse ali o fantasma do homem do eléctrico.

– Trouxe isso consigo?

¹ Nome dado aos trabalhadores do Estado norte-americano do Oklahoma, os quais emigraram para o sul na época da Grande Depressão. [N. T.]

- Não.
- Então não está aqui.
- Mas – respondi – ele *falou* comigo... Uma das Fúrias.
- *Fúrias?*
- Não lhe vi a cara. Céus, agora ainda me sinto pior. Boa noite.
- Deixe o álcool!

Mas eu já saíra e espreitava para todos os lados, para vislumbrar aquilo que me aguardava. Que caminho seguir para casa de forma a não me encontrar com a escuridão? Fiz a minha escolha.

E sabendo que era a escolha errada, apressei-me ao longo da margem escura do velho canal, na direcção dos vagões submersos do circo.

Como é que as jaulas dos leões tinham ido parar ao canal ninguém sabia. Tal como ninguém parecia recordar-se de como é que os canais tinham ali surgido no meio de uma cidade velha que, de algum modo, caíra em decadência, com ervas-daninhas a arranharem todas as noites as portas, juntamente com a areia e os bocados de algas e os resquícios de tabaco dos cigarros lançados ao longo das margens desde 1910.

Mas aqui estavam eles, os canais, e no fundo de um deles, numa corrente de água verde-escura e escumada por óleo, os antigos vagões do circo e as jaulas, descamando a sua tinta de esmalte branco e dourado e enferrujando os seus grossos gradeamentos de ferro.

Há muito tempo atrás, no início dos anos 20, estas jaulas tinham possivelmente desfilado pelas ruas, quais refulgentes tempestades de Verão, com animais deambulando no seu interior, leões abrindo as suas bocas e exalando hálitos quentes, cheirando a carne fresca. Parelhas de cavalos brancos arrastavam a sua pompa através de Venice e através dos campos, muito antes de os estúdios da MGM construírem as suas fachadas falsas e montarem um novo tipo de circo, o qual viveria para sempre em imagens cinematográficas.

Agora tudo o que restava do antigo desfile encontrava-se aqui. Algumas das jaulas mantinham-se erguidas verticalmente nas águas profundas do canal, outras tinham caído de lado e, enterradas pelas marés, revelavam-se nalguns anoiteceres e escondiam-se nalgumas madrugadas. Peixes enxameavam por entre as grades. Durante o dia, rapazes pequenos iam até ali e brincavam por entre as grandes ilhas perdidas de

aço e de madeira e, por vezes, saltando para o seu interior, sacudiam os gradeamentos e rugiam.

Mas nesse momento, muito depois da meia-noite, quando o último eléctrico já há muito partira para outros destinos a norte ao longo das areias desertas, os canais soltavam as suas águas negras e chupavam as jaulas, como mulheres idosas chupando as suas gengivas descarnadas.

Corri de cabeça baixa contra a chuva que, subitamente, abrandou e parou. A lua rompeu através de uma fenda na escuridão, como um enorme olho que me observasse. Caminhei sobre espelhos que reflectiam a mesma lua e as mesmas nuvens. Caminhava sobre o céu e – algo aconteceu...

A cerca de um quarteirão de distância, uma grande vaga de água salgada rolou, negra e suavemente, por entre as margens do canal. Algures, uma restinga sofrera uma ruptura e deixara o mar entrar. E assim chegaram as negras águas. A maré atingiu a pequena ponte no exacto momento em que eu atingi o seu centro.

A água silvava entre as antigas jaulas dos leões.

Estuguei o passo. Agarrei o parapeito da ponte.

Pois dentro de uma das jaulas, precisamente por baixo de mim, uma fosforescência ténue iluminou o interior das grades.

Uma mão surgiu dentro da jaula.

Algum antigo domador de leões adormecido que acabara de acordar e se apercebera de que estava num local estranho.

Languidamente, um braço esticou-se no interior da jaula, por detrás das grades. O domador de leões estava a ficar completamente desperto.

A água subiu e voltou a descer.

E um fantasma comprimiu-se contra as grades.

Debruçado sobre o parapeito, eu não conseguia acreditar no que via.

Mas nesse momento a luminosidade etérea tomou forma. Não apenas uma mão, um braço, mas um corpo inteiro que se contorcia e gesticulava vagamente, como uma enorme marioneta presa numa armadilha de ferro.

Uma face pálida, cujos olhos vazios, sem qualquer expressão, recebiam a luz do luar, estava ali como se fosse uma máscara de prata.

Depois, a maré encolheu e afundou-se. O corpo desapareceu.

Algures no interior da minha cabeça, o longo eléctrico contornou uma rotunda num carril enferrujado, accionou os travões, lançou fagulhas,

guinchou até parar, enquanto, algures, um homem invisível soltava aquelas palavras em cada investida, salto, arremetida.

– A morte... é um... acto solitário.

Não.

A maré ergueu-se de novo como num transe, recordando-se de uma outra sessão espírita e nocturna.

E a forma fantasmagórica ergueu-se de novo dentro da jaula. Era um homem morto querendo sair.

Alguém soltou um grito terrível.

Eu sabia que era eu, quando uma dúzia de luzes se acenderam nas pequenas casas ao longo da margem do canal escuro.

– Vamos, afastem-se, afastem-se!

Mais carros chegavam, mais polícia, mais luzes se acendiam, mais pessoas vagueando nos seus roupões, aturdidas pelo sono, para se juntarem a mim, atordoado com muito mais do que sono. Assemelhávamo-nos a uma multidão de palhaços miseráveis, abandonados na ponte, olhando para baixo, para o nosso circo submerso.

Mantive-me de pé, tremendo, olhando fixamente para a jaula, pensando: porque não olhei para trás? Porque não vi aquele homem que sabia tudo sobre o homem que se encontra lá em baixo no vagão do circo?

Meu Deus, pensei, e se o homem do eléctrico tivesse realmente empurrado este homem morto *para dentro* da jaula?

Provas? Nenhuma. Tinha apenas seis palavras repetidas num eléctrico nocturno, uma hora depois da meia-noite. Tinha apenas a chuva a pingar no arame alto, repetindo estas palavras. Tinha apenas a maneira como a água fria avançava, tal como a morte, ao longo do canal, lavando as jaulas e voltando a sair, mais fria do que quando entrara.

Mais palhaços estranhos saíram dos antigos *bungalows*.

– Está tudo bem, meus senhores, são três da manhã. Dispersem!

Recomeçara a chover, e, quando chegaram, os polícias olharam para mim como que dizendo: porque é que te meteste onde não eras chamado? Ou não esperaste até de manhã e telefonaste, anonimamente?

Um dos policiais, de calções de banho pretos, encontrava-se à beira do canal olhando a água com desagrado. O seu corpo era branco, porque já não apanhava sol há muito tempo. Mantinha-se de pé observando a maré a mover-se no interior da jaula, erguendo o adormecido, que acenava. Uma face surgiu por detrás das grades. A face era tão lúgubre que fazia pena. Senti algo no meu peito a contorcer-se terrivelmente. Tive de recuar porque ouvi os primeiros soluços trémulos de sofrimento a formarem-se na minha garganta.

E depois a carne branca do polícia atravessou a água. Afundou-se.

Pensei que também ele se afogara. A chuva caía na superfície oleosa do canal.

E depois o oficial reapareceu, dentro da jaula, com o rosto encostado às grades, arquejando.

Assustou-me, pois pensei que era o homem morto que ali entrara para sorver um último sopro de vida.

Um momento mais tarde, vi o nadador a sair pela outra extremidade da jaula, arrastando consigo uma longa forma fantasmagórica como uma flâmula fúnebre de algas pálidas.

Alguém choramingava. Querido Jesus, não posso ser eu!

Agora, o corpo encontrava-se nas margens do canal, e o nadador secava-se. As luzes piscavam nos carros-patrolha. Três policiais curvaram-se sobre o corpo com as lanternas, falando em voz baixa.

– Eu diria vinte e quatro horas.

– Onde está o médico legista?

– O telefone está fora do descanso. O Tom foi buscá-lo.

– Uma carteira, algum documento de identificação?

– Nada. Possivelmente era alguém que estava de passagem.

Começaram a revirar-lhe os bolsos.

– Não, não era uma pessoa que estivesse aqui de passagem – disse eu e parei.

Um dos policiais virou a lanterna de modo a que esta incidisse na minha cara. Com grande curiosidade, examinou os meus olhos e ouviu os meus sons guturais.

– Conhece-o?

– Não.

– Então porque...?

– Porque me sinto pessimamente?! Porque. Ele está morto, para sempre. Meu Deus. E fui *eu* que o encontrei.

O meu pensamento recuou no tempo.

Num brilhante dia de Verão, há alguns anos atrás, ao virar de uma esquina, deparara-me com um homem estendido debaixo de um carro parado. O condutor estava a saltar para fora do carro para ver o corpo. Avancei na sua direcção, depois parei.

Perto do meu sapato, no passeio, encontrava-se algo cor-de-rosa. Lembra-me de ver algo parecido num dos laboratórios do liceu. Um pedaço isolado de massa encefálica.

Uma mulher que passava por ali, uma desconhecida, esteve durante um longo período de tempo a observar o corpo que se encontrava debaixo do carro. Depois fez impulsivamente algo que não poderia ter sido antecipado. Inclinou-se lentamente até se ajoelhar junto ao corpo. Bateu-lhe suavemente no ombro, tocando-lhe gentilmente, como se dissesse: oh, vá lá, vá lá, vá lá, oh, oh... vá lá.

– Ele foi... assassinado? – ouvi-me perguntar. O polícia virou-se.

– O que o leva a dizer isso?

– Como é que ele, quero dizer, como é que ele poderia ter entrado naquela jaula... debaixo de água... se alguém não o... *tivesse* colocado lá?

A lanterna voltou a acender-se e passou pela minha cara como se fosse a mão de um médico, em busca de sintomas.

– Foi você que telefonou?

– Não. – Estremeci. – Sou aquele que gritou e fez com que todas as luzes se acendessem.

– Eia – murmurou alguém.

Um detective à paisana, baixo, que começava a ficar careca, ajoelhou-se junto ao corpo e revirou-lhe os bolsos do casaco. Destes caíram rolos e bolinhas daquilo que pareciam ser flocos de neve molhados, *papier-mâché*.

– Que raio é isso? – perguntou alguém.

Eu sei, pensei, mas não o disse.

Com a mão a tremer, curvei-me, perto do detective, para pegar num pouco da massa de papel molhado. Ele estava ocupado a esvaziar os outros bolsos. Guardei um pedaço na palma da minha mão e, quando me levantei, enfiei-a no bolso, no momento em que o detective olhou para cima.

– Você está todo ensopado – disse. – Dê o seu nome e morada àquele polícia e vá para casa. Precisa de se secar.

Começara novamente a chover e eu tremia. Virei-me, dei o meu nome e morada ao polícia e encaminhei-me rapidamente para o meu apartamento.

Correra durante um quarteirão quando um carro parou junto a mim e a porta se abriu. O detective baixo que começava a ficar careca olhava-me.

– Meu Deus, está com um ar terrível – disse ele.

– Outra pessoa disse-me o mesmo há apenas uma hora.

– Entre.

– Vivo apenas a um quarteirão...

– *Entre!*

Entrei, estremecendo, e ele conduziu-me ao longo dos dois últimos quarteirões até ao meu apartamento de trinta dólares por mês, bafiento, minúsculo. Ao sair, quase caí, tão enfraquecido me sentia de tanto tremer.

– Crumley – disse o detective. – Elmo Crumley. Telefone-me quando descobrir o que é aquele monte de papel que enfiou no bolso.

Ja começar a falar com um ar comprometido.

Meti a mão naquele bolso.

Anuí.

– Claro.

– E pare de se preocupar e de parecer doente – disse Crumley. – Ele não era ninguém... – Interrompeu-se, envergonhado por aquilo que dissera, e baixou a cabeça para pôr o carro a trabalhar.

– Porque será que eu acho que ele era *alguém?* – perguntei. – Quando me lembrar de quem era, telefono.

Eu mantive-me parado, enregelado. Receava que mais coisas terríveis estivessem à minha espera mesmo atrás de mim. Libertar-se-iam as escuras águas do canal quando eu abrisse a porta do meu apartamento?

– Anime-se! – E Elmo Crumley bateu com a porta.

O seu veículo não passava agora de dois pontos de luz vermelha afastando-se sob o recente aguaceiro, que fez com que as minhas pálpebras se fechassem.

Olhei para o outro lado da rua, para a cabina telefónica da estação de serviço, a qual eu utilizava como escritório para telefonar às editoras, que nunca retribuíam os meus telefonemas. Remexi os bolsos à procura de trocos, pensando: Vou telefonar para a Cidade do México, acordar

a Peg, uma chamada a cobrar no destinatário, contar-lhe acerca da jaula, do homem e... meu Deus... matá-la de medo!

Ouve o detective, pensei.

Anima-te.

Agora tremia tão violentamente que nem conseguia meter a maldita chave na fechadura.

A chuva seguiu-me até ao interior.

No interior, esperando por mim, estava...

Um estúdio vazio de seis metros por seis, com um sofá-cama estragado, uma estante com catorze livros e com uma imensidão de espaço aguardando por mais, uma poltrona comprada a um preço reduzido à Goodwill Industries, uma secretária de pinho por pintar da Sears & Roebuck e, sobre esta, uma máquina de escrever *Underwood Standard* de 1934 necessitando de lubrificação, tão grande como um piano e tão ruidosa como socas de madeira num chão sem tapetes.

Na máquina de escrever estava uma folha de papel expectante. Dentro de uma caixa de madeira, num dos lados, encontrava-se reunida a minha produção literária, toda ela numa única pilha. Havia exemplares do *Dime Detective*, do *Detective Tales* e do *Black Mask*, tendo cada um rendido trinta ou quarenta dólares por história. Do outro lado, outra caixa de madeira aguardava que a preenchessem com manuscritos. Nesta encontrava-se a única folha de um livro que se recusava a começar.

ROMANCE SEM TÍTULO.

Com o meu nome por baixo. E a data, 1 de Julho de 1949. Que remontava há três meses.

Estremeci, despi-me, esfreguei-me com uma toalha, vesti um roupão e regresssei para ficar de pé a olhar para a minha secretária.

Toquei na máquina de escrever, pensando se esta seria um amigo perdido ou um homem ou uma amante pérfida.

Há algumas semanas atrás fizera uns ruídos vagamente semelhantes aos da Musa. Agora, e cada vez com mais frequência, sentava-me diante da maldita máquina como se alguém me tivesse decepado as mãos pelos pulsos. Três ou quatro vezes por dia, sentava-me aqui e era vitimado por

palpites literários. Nada saiu. Ou, se saiu, acabou no chão transformado em bolas de pêlo, que eu varria todas as noites. Eu estava a percorrer aquele longo deserto conhecido como Feitiço Árido, Arizona.

A minha solidão tinha muito a ver com a Peg e com a sua ausência, tão longe entre todas aquelas múmias nas catacumbas do México, e não fez sol em Venice durante três meses, apenas neblinas e depois nevoeiro e depois chuva e depois nevoeiro e neblinas de novo. Todas as noites me deitava em frios lençóis de algodão e acordava coberto por fungos ao amanhecer. Todas as manhãs, a minha almofada estava húmida, mas eu não sabia que sonho me fizera molhá-la dessa forma.

Olhei pela janela para aquela cabina telefónica, que eu ouvia durante todo o dia, todos os dias, que nunca tocava oferecendo-se para comprar o meu esplêndido romance, se eu o pudesse ter terminado no ano anterior.

Vi os meus dedos a moverem-se sobre as teclas da máquina de escrever, desajeitadamente. Pensei que se pareciam com as mãos do desconhecido morto dentro da jaula, balançando na água e movendo-se como anémonas-do-mar, ou como as mãos, invisíveis, do homem atrás de mim, nessa noite, no eléctrico.

Ambos os homens gesticulavam.

Lentamente, muito lentamente, sentei-me.

Algo bateu dentro do meu peito, como alguém batendo contra as grades de uma jaula abandonada.

Alguém respirou no meu pescoço...

Teria de fazer algo para que ambos partissem. Teria de fazer algo para os silenciar, de forma a que eu pudesse dormir.

Da minha garganta saiu um som, como se fosse vomitar. Mas não vomitei. Em vez disso, os meus dedos começaram a bater nas teclas, riscando as palavras ROMANCE SEM TÍTULO até que estas desapareceram.

Depois desci um espaço e vi aquelas palavras a começarem a saltar do papel:

A MORTE e depois É UM e depois ACTO e depois, por fim, SOLITÁRIO. Sorri selvaticamente perante o título, arquejei e não parei de escrever durante uma hora, até que apanhei o eléctrico iluminado pela tempestade, o qual se afastava sob a chuva, e deixei a jaula dos leões encher-se com a água negra do mar, a qual se derramava torrencialmente, e libertei o homem morto...

Para baixo e através dos meus braços, ao longo das minhas mãos, e saindo pelas frias pontas dos meus dedos para a folha.

Como uma inundação, a escuridão chegou. Ri-me, satisfeito pela sua chegada.

E caí sobre a cama.

Enquanto tentava adormecer, comecei a espirrar e a espirrar e deitei-me lastimosamente, usando uma caixa de *Kleenex* e sentindo que o frio nunca terminaria.

Durante a noite, o nevoeiro adensou-se e, lá longe na baía, algures afundada e perdida, uma sirene de nevoeiro soprou e voltou a soprar. Soava como uma enorme criatura marinha há muito extinta, dirigindo-se para a sua própria sepultura afastada da costa, lamuriando-se ao longo do seu percurso sem que ninguém se importasse ou a seguisse.

Durante a noite, o vento entrou pela janela do meu apartamento e remexeu as páginas dactilografadas do meu romance, sobre a secretária. Ouvi o papel sussurrar como as águas no canal, como a respiração no meu pescoço, e por fim adormeci.

Acordei tarde, com o sol a brilhar. Espirrei durante todo o trajecto até à porta e abri-a completamente, caminhando para um dia tão ferozmente resplandecente que me fez querer viver para sempre, e senti-me tão envergonhado por esse pensamento que quis, tal como Ahab², atacar o sol. Em vez disso, vesti-me rapidamente. A minha roupa da noite anterior ainda estava húmida. Vesti uns calções de ténis e um blusão, depois virei os bolsos do meu casaco húmido e encontrei a massa de *papier-mâché* que caíra ainda há poucas horas do fato do homem morto.

Toquei nos pedaços com a unha, exalando. Eu sabia o que estes eram. Mas ainda não estava preparado para o enfrentar.

Não sou um atleta. Mas consigo correr...

Longe do canal, da jaula, da voz no eléctrico que falava sobre a escuridão, longe do meu quarto e das páginas recentes que esperavam ser

2 Referência à personagem principal do romance *Moby Dick*, de Herman Melville. [N. T.]

lidas e que começavam a dizer tudo, mas eu ainda não as queria ler. Apenas corri, cegamente, para sul, na praia.

Até ao país do Mundo Perdido.

Abrandeí, por fim, para olhar para a alimentação matinal das estranhas bestas mecânicas.

Poços de petróleo. Bombas de petróleo.

Estes grandes pterodáctilos, dizia eu a amigos, tinham chegado pelo ar, no início do século, planando a altas horas da noite para construir os seus ninhos. Espantados, os habitantes perto da costa acordaram ao som dos êmbolos das suas fomes imensas. Sentavam-se nas suas camas acordados pelo som do ranger, do sussurrar, do agitar de formas esqueléticas, do suspiro da terra, das asas sem penas que se erguiam e caíam como respirações primevas às três da madrugada. O seu cheiro, tal como o Tempo, soprava ao longo da costa, vindo de uma era anterior às cavernas ou aos homens que se escondiam nas cavernas, o cheiro de selvas caindo para serem enterradas sob a terra e amadurecerem, transformando-se em petróleo.

Corri através desta floresta de brontossauros, de tricerátops imaginários, e os dorsos de estacas dos estegossauros, esmagando melaços negros, afundando-se em alcatrão. Os seus lamentos ecoavam vindos da costa, onde a rebentação devolvia os seus trovões antigos.

Corri passando pelas pequenas casas brancas que surgiram mais tarde para se aninharem entre os monstros, e os canais que começaram a ser escavados e depois os encheram para que espelhassem os elevados céus de 1910, quando as gôndolas brancas navegavam em marés limpas e as pontes ornamentadas com lâmpadas de pirilampos prometiam bailes futuros que chegavam durante a noite sob a forma de grupos de *ballet* e fugiam para nunca mais regressarem depois da guerra. E as bestas escuras continuavam a sugar a areia, enquanto as gôndolas se afundavam, levando consigo as últimas gargalhadas de alguma festa que terminara.

Claro que algumas pessoas ficaram escondidas em tugúrios ou trançadas em algumas, poucas, *villas* mediterrânicas, para ali lançadas numa ironia arquitectónica.

Corri e por fim parei. Teria de voltar para trás dentro em pouco para tentar encontrar aquela mistura de *papier-mâché* e depois ir procurar o nome do seu proprietário morto e perdido.

Mas, naquele momento, um dos palácios mediterrânicos, tão ardentemente branco como uma lua cheia que viera para ficar sobre as areias, erguia-se à minha frente.

– Constance Rattigan – sussurrei –, podes vir cá para fora brincar?

Era, de facto, uma fogosa fortaleza mourisca que defrontava o mar e desafiava as marés para que entrassem e a derrubassem. Possuía minaretes e torreões e azulejos azuis e brancos, precariamente inclinados sobre degraus de areia, a uma distância de trezentos metros das vagas curiosas que se vergavam para lhe prestar vassalagem, onde as gaivotas circulavam lançando para baixo um olhar fortuito e onde eu agora me encontrava, imóvel.

– Constance Rattigan.

Mas ninguém veio cá fora.

Solitário e singular neste território de lagartos e trovões, este palácio guardava aquela diva especial do cinema.

Uma luz ardia toda a noite e todo o dia na janela de uma das torres. Nunca a vira apagada. Estaria ela ali naquele momento?

Sim!

Uma sombra rápida atravessara a janela, como se alguém se tivesse aproximado desta, olhando para baixo, para mim, e se afastasse, como uma traça.

Continuei a recordar.

Nos anos 20, a sua década de glória fora breve, seguida de uma queda rápida do veio da mina até aos cofres cinematográficos. O seu realizador, segundo antigos jornais, encontrara-a na cama com o cabeleireiro do estúdio e cortara os músculos das pernas de Constance Rattigan com uma faca, para que ela não pudesse voltar a andar da forma que ele tanto amava. Depois fugira, voando para ocidente, na direcção da China. Constance Rattigan nunca mais foi vista. Se ela conseguia andar, ninguém o sabia.

– Meu Deus – sussurrei para mim mesmo.

Eu sentia que ela se aventurava no meu mundo a altas horas da noite e que conhecia pessoas que eu conhecia. Existiam ténues indícios de futuros encontros entre nós.

Vai, pensei, bate no batente com cabeça de leão que pende da sua porta virada para a costa.

Não. Abanei a cabeça. Receei que apenas me respondesse o ectoplasma de um filme a preto-e-branco.

Nunca queremos realmente conhecer o nosso verdadeiro amor, apenas queremos sonhar que uma noite ela sairá e caminhará, com as suas pegadas desaparecendo sob a areia, com o vento por companhia, até ao nosso apartamento, e baterá à nossa janela e entrará para rebobinar o seu espírito-luz que surgia nos longos riachos de película que havia no tecto.

Querida Constance Rattigan, pensei, foge! Salta para aquele grande *Duesenberg*, branco, brilhante e ofuscante estacionado na areia, faz marcha atrás, acena e conduz-me para Coronado, para sul, pela costa iluminada pelo sol! Ninguém fez marcha atrás, ninguém acenou, ninguém me levou para sul até ao sol, para longe da sirene do nevoeiro que se enterrava a si mesma no mar.

Assim, retrocedi, surpreendido por descobrir água salgada sob os meus ténis e virei-me para regressar à chuva fria que se derramava nas jaulas; o maior escritor do mundo, mas ninguém o sabia, a não ser eu.

Eu tinha os *confetti* húmidos, a amálgama de *papier-mâché* no bolso do meu casaco, quando entrei no único sítio onde sabia que tinha de ir.

Era onde os velhos se reuniam.

Era uma loja pequena e escura, virada para os carris do eléctrico e onde se vendiam doces, cigarros e revistas, mas também bilhetes para os grandes eléctricos vermelhos, que circulavam entre L.A. e o mar.

O local tresandava a tabaco e era dirigido por dois irmãos, manchados de nicotina, que passavam o dia a lamuriar-se e a resmungar um com o outro, como duas velhas solteironas. Num banco, de um dos lados, e ignorando as discussões como as multidões entediadas dos desafios de ténis, um ninho de velhos passava ali as horas e os dias, mentindo sobre as suas idades. Um dizia que tinha 82 anos. Outro vangloriava-se que tinha 90. Um terceiro, 94. Estas alteravam-se todas as semanas, já que cada um deles se esquecia da mentira do mês anterior.

E se se escutasse, enquanto as grandes carruagens de ferro circulavam, conseguia-se ouvir a ferrugem a descascar dos ossos dos velhos e a neve a atravessar as suas correntes sanguíneas e a tremeluzir por um momento nos seus olhares moribundos, enquanto eles se acomodavam

durante longas horas entre frases, tentando recordar o assunto que tinham iniciado ao meio-dia e que poderia terminar à meia-noite, quando os dois irmãos, resmungando, fechavam a loja e se afastavam, queixando-se, na direcção das suas camas de solteiro.

Onde estes velhos viviam, ninguém o sabia. Todas as noites, depois de os irmãos desaparecerem, rabugentos, no escuro, os velhos dispersavam-se como ervas, soprados para diversos lados pelo vento salgado.

Penetrei na penumbra eterna daquele lugar e deixei-me ficar a observar o banco onde os velhos se sentavam desde o início dos tempos.

Havia um lugar vazio entre eles. Onde sempre tinha havido quatro, agora havia apenas três, e podia ver pelas suas caras que algo estava errado.

Olhei para os seus pés, os quais estavam cercados não apenas por cinza de cigarro, mas por um delicado nevão de pequenas e estranhas bolinhas de papel, o *confetti* de centenas de bilhetes de eléctrico, com formatos diferentes em L, X e M.

Tirei a mão do bolso e comparei a massa espapaçada e agora quase seca com a neve do chão. Dobrei-me e peguei em alguns, deixando-os deslizar por entre os meus dedos, como um alfabeto lançado no ar.

Olhei para o lugar vazio no banco.

– Onde está aquele velho cavalhei...? – parei.

Os velhos olhavam-me como se eu tivesse disparado uma arma contra o seu silêncio. Além disso, o seu olhar dizia que não estava adequadamente vestido para um funeral.

Um dos mais velhos acendeu o seu cachimbo e, por fim, chupando-o, murmurou:

– Ele virá. *Vem sempre.*

Mas os outros dois mexeram-se, desconfortavelmente, com os rostos sombrios.

– Onde é que ele vive? – ousei perguntar.

O velho parou de chupar o seu cachimbo.

– Quem é que quer saber isso?

– Eu – respondi. – Vocês conhecem-me. Venho aqui há anos.

Os velhos olharam uns para os outros, enervados.

– É urgente – disse eu.

O velho remexeu-se uma última vez.

– Canários – murmurou o homem mais velho.

– O quê?

– A senhora dos canários. – O seu cachimbo apagara-se. Ele voltou a acendê-lo, com os olhos perturbados. – Mas não o incomode. Ele está bem. Ele *não* está doente. Ele virá.

Ele estava a ficar inquieto, o que fez com que os outros velhos se contorcessem lentamente, secretamente, sobre o banco.

– Qual era o nome dele? – perguntei.

Isso foi um erro. Não saber o seu nome! Meu Deus, *toda a gente* sabia isso!

Os velhos olharam para mim.

Corei e recuei.

– A senhora dos canários – disse, e saí a correr pela porta, sendo quase atropelado por um eléctrico da linha de Venice que passava a apenas trinta metros da porta da loja.

– Idiota! – gritou o maquinista, inclinando-se para fora e agitando o punho.

– A senhora dos canários! – exclamei, estupidamente, sacudindo o *meu* punho para mostrar que estava vivo.

E avancei tropeçadamente, enquanto a procurava.

Eu conhecia a sua morada pelo letreiro na janela.

Vendem-se canários. Venice encontrava-se, e ainda se encontra, cheia de locais perdidos onde as pessoas colocavam à venda os últimos pedaços gastos das suas almas, desejando que ninguém os comprasse.

Não há uma única casa antiga com cortinas por lavar que não tenha um letreiro na janela.

NASH 1927. RAZOÁVEL. NAS TRASEIRAS.

Ou CAMA DE LATÃO, COM POUCO USO. BARATA. NO ANDAR DE CIMA.

Enquanto uma pessoa caminha, vai pensando qual dos lados da cama foi usado, ou se foram ambos, e durante quanto tempo, só um dos lados ou os dois, e quando deixou de ser usada, há vinte, há trinta anos?

Ou VIOLINOS, GUITARRAS, BANDOLINS.

E, na janela, instrumentos antigos cujas cordas não são de arame ou de tripa mas de teias de aranha, e no interior um velho curvado sobre uma bancada esculpindo madeira, a sua cabeça sempre virada contra

a luz, as suas mãos movendo-se; alguém que fora deixado para trás no ano em que as gôndolas naufragaram nas traseiras das casas para se transformarem em vasos de flores.

Há quanto tempo não vendia ele um violino ou uma guitarra?

Alguém bate na porta, na janela. O velho continua a serrar e a lixar, o seu rosto e os seus ombros tremendo. Está a rir-se porque ouviu bater e finge que não ouve?

Alguém passa por uma janela com um último letreiro.

QUARTO COM VISTA.

Do quarto avista-se o mar. Mas durante dez anos ninguém subira lá acima. E o mar poderia já nem existir.

Dobrei a última esquina e aquilo que eu procurava estava ali.

Pendia da janela queimada pelo sol, as suas letras frágeis desenhadas a lápis de chumbo desbotado, tão desvanecidas como sumo de limão que se tivesse queimado a si mesmo, autoapagado, oh, meu Deus, há alguns cinquenta anos atrás!

Vendem-se canários.

Sim, alguém há meio século atrás lambeu a ponta de um lápis, escreveu as palavras sobre o cartão e pendurara-o ali para sempre, colado com fita adesiva para matar moscas, e subiu as escadas para tomar chá em salas onde o pó lacava o corrimão como resina e sufocava as lâmpadas de modo a que estas ardessem com uma luz oriental; onde almofadas eram bolas de linho e sombras pendiam em armários com cabides vazios.

Vendem-se canários.

Não bati à porta. Anos atrás, devido a uma curiosidade inconsciente, eu tentara fazê-lo e, sentindo-me tolo, afastara-me.

Rodei a antiga maçaneta. A porta deslizou para dentro. O piso inferior estava vazio. Não existia mobiliário em nenhuma das salas. Gritei através dos empoeirados raios de sol.

— Está alguém em casa?

Pensei ter ouvido um murmúrio vindo do sótão:

— ... ninguém.

Moscas jaziam secas sobre os peitoris das janelas. Algumas traças, que haviam morrido no Verão de 1929, junto às vidraças, tinham as suas asas transformadas em pó.

Algures, muito acima, onde uma idosa Rapunzel-sem-cabelo se encontrava perdida na sua torre, uma pena solitária caiu e tocou o ar:

– ... sim?

Um rato suspirou nas traves escuras.

– ... entre.

Empurrei mais a porta. Esta soltou um guincho alto e dorido.

Tive a sensação de que não fora oleada para que quem quer que entrasse sem ser anunciado fosse denunciado pelas dobradiças enferrujadas.

Uma traça batia contra uma lâmpada fundida no corredor superior.

– ... cá em cima...

Subi na direcção da penumbra a meio do dia, passando por espelhos que estavam virados para a parede. Nenhum espelho me poderia ver chegar. Nenhum espelho me poderia ver partir...

– ... *sim?* – Um sussurro.

Hesitei junto à porta, ao cimo das escadas. Talvez eu esperasse olhar para o seu interior e encontrar um canário gigante, estendido num tapete de poeira, já sem conseguir cantar, apenas capaz de comunicar através de murmúrios débeis.

Entrei.

Ouvi um arquejo.

No meio da sala vazia encontrava-se uma cama sobre a qual, de olhos fechados, a boca respirando enfraquecidamente, estava estendida uma mulher idosa.

É um arqueoptérix, pensei.

É verdade. Pensei precisamente isso.

Eu vira aqueles ossos num museu, as frágeis asas de réptil daquele pássaro perdido e extinto, cuja forma fora gravada em arenito provavelmente por um sacerdote egípcio.

Esta cama e o seu conteúdo assemelhavam-se ao fluir de um rio pouco profundo. Delineado agora sobre o seu caudal lento, encontravam-se os despojos de um espantalho de palha com um esqueleto franzino.

Ela permanecia deitada na horizontal, e tão delicadamente estendida que eu não podia acreditar que fosse uma criatura viva, mas antes um fóssil imperturbado pelo desenrolar da eternidade.

– Sim? – A minúscula cabeça amarelada que surgia mesmo acima da colcha abriu os olhos. Ínfimos cacos de luz pestanejaram na minha direcção.

– Canários? – ouvi-me a mim mesmo perguntar. – O letreiro na sua janela? Os pássaros?

– Oh – suspirou a mulher idosa –, meu caro.

Ela esquecera-se. Talvez não descesse ao andar inferior há muitos anos. E talvez eu fosse o primeiro, em muitos anos, a subir aquelas escadas.

– Oh – murmurou ela –, isso foi há muito tempo. Canários. Sim. Tive alguns adoráveis. Em 1920 – de novo, apenas um murmúrio. – Em 1930-1931... – A sua voz desvaneceu-se. Os anos terminavam ali.

Apenas outra manhã. Apenas outro meio-dia.

– Elas cantavam, as minhas aves, como elas cantavam. Mas nunca ninguém cá veio comprá-los. Porquê? Nunca vendi *nenhum*.

Olhei à minha volta. No canto, a norte, no lado mais afastado do quarto, havia uma gaiola, e mais duas meio escondidas num armário.

– Desculpe – murmurou ela. – Devo-me ter esquecido de tirar aquele letreiro da janela...

Movi-me na direcção das gaiolas. O meu palpite estava certo.

No fundo da primeira gaiola vi papiros do *Los Angeles Times*, 25 de Dezembro, 1926.

HIROHITO SOBE AO TRONO

Esta tarde, o jovem monarca,
de 27 anos...

Dirigi-me à gaiola seguinte e pestanejei. Memórias de liceu inundaram-me com os seus temores.

ADDIS ABEBA BOMBARDEADA

Mussolini proclama triunfo.
Hailé Selassié protesta...

Fechei os olhos e afastei-me desse ano que pertencia ao passado. Desse ano em que as penas deixaram de sussurrar e os trinados cessaram. Parei junto à cama e ao despojo mirrado que ali se encontrava.

Ouvi-me dizer:

– Alguma vez ouviu aos domingos de manhã o programa *A Hora das Sementes dos Canários das Montanhas Rochosas...?*

– Com um organista a tocar e um estúdio cheio de canários que o *acompanhavam!* – exclamou a mulher idosa com um deleite que lhe rejuvenesceu a carne e a fez erguer a cabeça. Os seus olhos faiscaram como vidro partido. – *Quando é Primavera nas Rochosas!*

– *Doce Sue. Meu Céu Azul* – continuei eu.

– Oh, os pássaros não eram *maravilhosos!*?

– Maravilhosos. – Na altura, eu tinha 9 anos e tentava perceber como é que os pássaros conseguiam compreender tão bem a melodia. – Uma vez disse à minha mãe que as gaiolas deviam estar revestidas com pautas de música.

– Parece ter sido uma criança sensível. – A cabeça da mulher idosa afundou-se, exausta, e ela fechou os olhos. – Já não os fazem assim.

Nunca fizeram, pensei.

– Mas – sussurrou ela – não me vieste *realmente* ver por causa dos canários...

– Não – admiti. – É sobre aquele velho que lhe aluga...

– Ele já *morreu*.

Antes de eu poder dizer algo, ela continuou calmamente:

– Não o oiço na cozinha lá de baixo desde ontem de manhã. Ontem à noite, o silêncio deu-mo a entender. Ainda agora, quando abriste a porta lá de baixo, eu soube que era alguém a trazer-me más notícias.

– Tenho muita pena.

– Não tenhas. Nunca o via, excepto no Natal. A senhora da casa ao lado trata de mim, vem cá e ajuda-me a arranjar duas vezes por dia e dá-me a comida. Então ele morreu? Conhecia-lo bem? Haverá um funeral? Ali na cómoda estão cinquenta cêntimos. Compra-lhe uma pequena coroa.

Não havia dinheiro sobre a cómoda. Não havia cómoda. Fingi que havia e meti no bolso algum dinheiro inexistente.

– Volta cá daqui a seis meses – murmurou ela. – Já estarei novamente bem. E os canários estarão à venda e... estás sempre a olhar para a *porta!* Tens de te ir embora?

– Sim, minha senhora – respondi, sentindo-me culpado. – Posso dizer-lhe uma coisa... a sua porta da frente está destrancada.

– E então, o que é que alguém neste mundo poderia querer de uma coisa velha como eu? – Ela ergueu a cabeça uma última vez.

Os seus olhos dardejaram. O seu rosto latejava como se algo batesse por detrás da sua carne, tentando soltar-se.

— Nunca ninguém virá a esta casa nem subirá estas escadas — exclamou ela.

A sua voz desvaneceu-se como uma estação de rádio para lá das colinas. Ela estava lentamente a sintonizar-se, enquanto as suas pálpebras se fechavam.

Meu Deus, pensei, ela *quer* que alguém suba as escadas e lhe faça um favor terrível!

Não eu!, pensei.

Os seus olhos abriram-se. Tê-lo-ia dito em voz alta?

— Não — disse ela, observando o meu rosto atentamente. — Tu não és ele.

— Quem?

— Aquele que fica lá fora diante da minha porta. Todas as noites. — Ela suspirou. — Mas ele nunca entra. Porque não entra ele?

Ela parou, como um relógio. Ainda respirava, mas estava à espera que eu me fosse embora.

Olhei-a por cima do ombro.

O vento remexia o pó na soleira da porta como se este fosse uma neblina, como alguém que estivesse à espera. A coisa, o homem, o que quer que fosse, que vinha todas as noites e esperava no corredor.

Eu estava no seu caminho.

— Adeus — disse-lhe.

Silêncio.

Eu devia ter ficado, tomado chá, jantado, tomado o pequeno-almoço com ela. Mas não podemos proteger todas as pessoas, em todos os lugares, em todos os momentos, pois não?

Esperei junto à porta.

Adeus.

Teria ela murmurado isto no seu sono antigo? Só sabia que a sua respiração me afastava.

Ao descer as escadas, apercebi-me de que ainda não sabia o nome do velho que se afogara na jaula de um leão e que em cada bolso tinha uma mão-cheia de *confettis* de bilhetes de comboio por usar.

Encontrei o seu quarto. Mas isso em nada me ajudou.

O seu nome não estaria aí, da mesma forma que ele lá não estava.

As coisas são boas no início. Mas quão raramente na história dos homens e das pequenas ou grandes cidades é também bom o final. Depois, as coisas desmoram-se. As coisas transformam-se em gordura. As coisas espalham-se. O tempo fica descontrolado. O leite azeda. À noite, os arames nos postes altos contam histórias maléficas na neblina que cai. A água nos canais fica cega de espuma. A pederneira, quando raspada, não produz faísca. As mulheres, quando lhes tocamos, não nos dão calor.

O Verão está subitamente no fim.

O Inverno neva nos nossos ossos escondidos.

Depois é o tempo da parede.

Isto é, a parede de um pequeno quarto onde o estremecimento dos grandes eléctricos vermelhos se faz sentir como um pesadelo, fazendo com que se revolvam nas vossas grandes camas de ferro na cave, que estremece, dos Não Tão Nobres Apartamentos dos Canários Perdidos, onde os números caíram do pórtico da frente e o sinal na esquina da rua se vira de norte para leste, para que as pessoas, se viessem à vossa procura, se perdessem para sempre na avenida errada.

Entretanto está ali aquela parede perto da vossa cama para ser lida com os vossos olhos aquosos, ou para ser tocada sem nunca o ser, já que está demasiado longe e é demasiado profunda e demasiado vazia.

Eu sabia que assim que encontrasse o quarto do velho encontraria a parede.

E encontrei-a.

A porta, tal como todas as portas da casa, estava destrancada, esperando pelo vento ou pelo nevoeiro ou por algum forasteiro pálido que entrasse.

Entrei. Hesitei. Talvez esperasse encontrar a radiografia do velho impressa na sua cama vazia. O seu quarto, tal como o da senhora dos canários do piso superior, assemelhava-se a um fim de tarde numa venda de garagem – por um níquel ou um cêntimo, tudo fora roubado.

Não havia sequer uma escova de dentes no chão, nem sabão, nem um pano. O velho devia banhar-se no mar uma vez por dia, escovando os dentes com algas ao meio-dia, lavando a sua única camisa na maré salgada e deitando-se ao seu lado nas dunas, enquanto secava se e quando o sol despontasse.

Movi-me para a frente como um mergulhador de grandes profundidades. Quando se sabe que alguém está morto, o ar que abandonaram agarra cada movimento que possam fazer, até mesmo a nossa respiração.

Arquejei.

Adivinhara mal.

Pois ali estava o seu nome, na parede. Quase caí ao debruçar-me para o tentar ler.

O seu nome aparecia repetido, uma e outra vez, rabiscado no estuque do lado mais afastado da sua cama. Uma e outra vez, como se temendo a senilidade ou o esquecimento, aterrorizado por acordar uma manhã e não saber o seu nome, uma e outra vez ele tinha riscado com uma unha manchada pela nicotina.

William. E depois *Willie.* E *Will.* E, por debaixo dos três, *Bill.*

E depois, de novo, de novo, de novo.

Smith. Smith. Smith. Smith.

E, sob estes, *William Smith.*

E, *Smith, W.*

A sua tabela de multiplicação nadava, desfocando-se, enquanto eu olhava, pois esta representava todas as noites que eu sempre temera, algures à minha frente na idade das trevas do meu futuro. Eu, em 1999, sozinho, e a minha unha a fazer o som de um rato no estuque...

– Meu Deus – sussurrei. – Espera!

A cama guinchou como um gato que acordara do seu sono. Coloquei todo o meu peso sobre a cama e sondei com as pontas dos dedos o estuque. Havia ali palavras. Uma mensagem, um indício, uma pista?

Recordei alguma magia da infância quando se pedia aos amigos para escreverem frases em blocos de notas e depois se pedia para as rasgarem. De seguida, levavam-se os blocos de notas para fora do quarto e esfregava-se um lápis suave sobre as reentrâncias escondidas deixadas nas páginas em branco, e as palavras surgiam.

Nesse momento, fiz exactamente isso. Encontrei e esfreguei o bico do meu lápis, gentilmente, na superfície da parede. Os riscos das unhas surgiram como que por magia, aqui uma boca, ali um olho; formas, formatos, pedaços de sonhos incompletos de um homem velho:

Quatro da manhã e sem sono.

Um clássico da Literatura norte-americana, e uma obra fundamental de Ray Bradbury.

Numa decadente e fantasmagórica Venice, Califórnia, outrora exuberante estância balnear pujante de vida e movimento, ponto de encontro de estrelas de cinema, turistas e veraneantes, e agora envolta em sombras e nevoeiro, ocorrem misteriosas mortes e desaparecimentos. No cais, local onde se situava a antiga feira popular, em vias de desmantelamento, o corpo de um homem é encontrado debaixo de água, encarcerado no interior de uma jaula de leão submersa. Um jovem escritor, testemunha involuntária deste e de outros acontecimentos insólitos, junta-se ao relutante detective Elmo Crumley na tentativa de resolver o caso. Enquanto as mortes se sucedem, e as pistas para identificar o assassino parecem apenas depender da inspiração e intuição do primeiro, desfila uma galeria extravagante de personagens, composta por ex-divas do cinema mudo, uma cantora de ópera retirada dos palcos ou um barbeiro com um passado duvidoso, todas elas pertencentes a um mundo e a um tempo cujo lugar já não existe.

«Bradbury é um verdadeiro original.»

TIME

ISBN 978-989-623-279-5
9 789896 232795



cavalo de ferro